



PAULO RICCA



Quinta do Crasto, em Sabrosa



Rui Falcão

O tempo é de celebração, de regozijo, louvor e hossanas, de justo enaltecimento dos vinhos da Quinta do Crasto. Pela primeira vez na história vinícola portuguesa, um

vinho pátrio foi eleito como um dos dez melhores vinhos do ano pela prestigiada revista norte-americana "Wine Spectator"... e logo em terceiro lugar! Por ser a revista de vinhos mais influente do mundo, a mais respeitada e seguida, a única de verdadeiro impacto universal, o prémio é especialmente relevante, de importância capital para a Quinta do Crasto... mas também para o Douro e para o mundo do vinho português no seu todo. A festa e o

reconhecimento internacional de um produtor português, de qualquer produtor português, deverá ser motivo de alegria para todo o sector e para o país. Porque, não tenhamos dúvidas, com este prestigioso prémio ganham por igual todos os produtores nacionais, na visibilidade e reconhecimento internacional que o prémio acarreta.

Os critérios para a atribuição da distinção são simples e alegadamente matemáticos. Dos 19.500 vinhos provados ao longo do ano, vinhos de todos os estilos e

origens, sobejaram 5.300 depois de uma primeira triagem, a que separou o trigo do joio, a que permitiu que apenas os vinhos com mais de noventa pontos, numa escala de zero a cem, se mantivessem em jogo. Seguiu-se a equação mágica, assente em quatro pilares fundamentais - qualidade (de acordo com a pontuação alcançada), preço, quantidade produzida (penalizando os vinhos de pequena

Quinta do Crasto Reserva Vinhas Velhas 2005

Pela primeira vez na história vinícola nacional, um vinho português foi aclamado como o terceiro melhor vinho do mundo de 2008, de acordo com os critérios editoriais da influente e prestigiada revista norte-americana "Wine Spectator". Quais os ingredientes para tamanho sucesso?



produção) e, finalmente, o quarto critério, de quantificação subjectiva e dificilmente mensurável, o valor excitação que cada vinho produziu no painel de críticos.

Foi pois de entre os 19.500 vinhos ensaiados pela revista "Wine Spectator" que o Quinta do Crasto Reserva Vinhas Velhas 2005 irrompeu para a glória. O galardão não é apenas mais um prémio, um dos muitos que são atribuídos anualmente em centenas de concursos de vinhos. Este é o prémio mais cobiçado do ano, o equivalente aos Óscares do vinho, o prémio de maior visibilidade internacional. Um justo reconhecimento para o projecto da Quinta do Crasto, expoente máximo da nova expressão do Douro.

Um sucesso que não germinou por obra do acaso, por ventura ou fado. Um sucesso construído pacientemente, com esforço e empenho, com enormes sacrifícios pessoais, com colossal profissionalismo. Porque muito mais que inspiração, os casos de sucesso são, sobretudo, feitos de transpiração. E trabalha-se muito na Quinta do Crasto. Mas os custos do sucesso são elevados e implicam sacrifícios e contrariedades, implicam abdicar de uma parte substancial da vida familiar. Implicam viagens incessantes, estar presente em centenas de apresentações anuais de vinhos, em todos os lugares do mundo. Implica ter de acompanhar quase diariamente jornalistas de todo o mundo, ter convidados permanentes ao almoço e jantar, implica um esforço de tempo e vontade que obriga a uma dedicação integral, quase obsessiva. Miguel e Tomás Roquette, respectivamente na comercialização e na produção, empenham-se nestes tarefas com uma tenacidade e perseverança espantosas. A visão inicial nasceu com Leonor e Jorge Roquette, verdadeiras almas do Crasto, visionários do projecto, promotores, gestores e ideólogos do conceito Quinta do Crasto.

Mas, para além de uma família, os vinhos da Quinta do Crasto nascem também de uma quinta quase perfeita, incomparável na localização, excepcional na qualidade ímpar das vinhas. Vinhas velhas, vinhas centenárias, vinhas racionais, enquadradas num cenário monumental como só o Douro consegue ser. O vinho laureado, o Quinta do Crasto Reserva Vinhas Velhas de 2005, é, seguramente, o vinho mais emblemático da casa, um dos vinhos mais

extraordinários de Portugal. Por ser um vinho superior, em todos os sentidos, mas também porque consegue vencer as três batalhas eternamente perdidas pelos produtores portugueses de prestígio - quantidade, consistência e preço. Produzir 83.000 garrafas de um vinho com esta qualidade, com a consistência assegurada de ser sempre um vinho notável, a preços mais que acessíveis (25€), é caso raro e único em Portugal.

Rude, mas delicado

Este Reserva Vinhas Velhas de 2005 é um vinho que entremeia a rudeza do Douro com uma deliciosa e deleitosa delicadeza, um vinho que surpreende pela elegância da fruta, pelo compasso e cadência dos taninos suaves, pela proporção e equilíbrio da acidez, pela harmonia e comprimento infindável do fim de boca. Com o carácter e a monumentalidade do Douro presente em cada esquina, mantendo um lado viril e enérgico que o identifica com o "terroir" singular da Quinta do Crasto. Mérito das vinhas, mas, seguramente, também muito mérito e talento da dupla de enologia que o edificou, Susana Esteban e Dominic Morris, naquele que foi um dos derradeiros vinhos consumados por Susana Esteban, antes de rumar, em 2007, para o Alentejo. Uma composição inspirada dos dois criadores do vinho! E é aqui chegado que não posso terminar sem fazer uma declaração de interesses, pois não será certamente irrelevante para os leitores que Susana Esteban seja minha mulher. Sei que a circunstância não me tolda a apreciação, mas não ficaria bem com a minha consciência se não vos informasse desta subtil particularidade.





34 Quinta do Crasto

O Quinta do Crasto Reserva Vinhas Velhas 2005 foi considerado o terceiro melhor vinho do mundo de 2008 pela prestigiada revista dos EUA "Wine Spectator", a publicação do género mais influente e respeitada. Esta é a primeira vez que um vinho nacional figura entre os dez primeiros e Rui Falcão explica quais foram os ingredientes do sucesso.